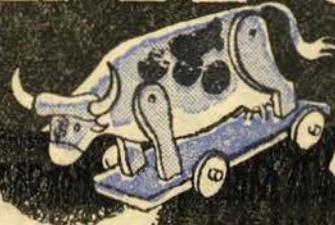


PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 637



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO
ARCANDO

PERIPÉCIAS de TOBIAS FILÓSOFO

Por ISABEL AREOSA

TOBIAS-FILOSÓFO—está mesmo a dizer—era um filósofo chamado Tobias. Passava os dias a filosofar e quando atravessava as ruas não tomava atenção nenhuma ao trânsito dos veículos.

Uma vez ia ele pensando: — «A lua será habitada?»

e zasi... foi atropelado por um automóvel!

Conduzido, imediatamente, ao Hospital de S. José, verificou-se que Tobias-Filosofo não sofrera nada de maior.

Estava, contudo, um pouco combalido e não acabava com as suas lamentações.

— «Sucedem-me uma coisa destas, a mim!... Eu que sou tão cauteloso! Ora a minha vida!»

O médico, que o estava pensando, enquanto desenrolava as ligaduras, perguntou-lhe:

— «Como se deu o desastre?»
— «Eu ia a atravessar a rua do Arsenal, pensando se a lua será ou não habitada...»

— «É o lugar mais próprio para essas reflexões, não haja dúvidas!»

— «Então para onde acha o sr. Doutor que eu devia ter ido?»

— «Ora essa, para o Bêco do Fala só...»

— «Muito obrigado; para a outra vez, hel-de ir para lá... Mas, como ia dizendo, ia a atravessar a rua do Arsenal, e dali vinha um eléctrico; daiem uma carroça; daiem um automóvel e eu vinha daqui. De repente, cruzou-se comigo uma bicicleta,

pela frente atravessava, um «camion» e, por detrás, veio um automóvel que me passou por cima e eu fiquei esmagado...»

— «Então, o sr. ficou esmagado e não morreu?»

— «Como? Já cá chegou a notícia? E digam lá que Lisboa é um meio grande! Sa-be-se tudo em menos de dez minutos!»

— «Mas qual notícia?»

— «Ora essa, a notícia de que eu não morri deste acidente de automóvel!»

O médico deixou cair todos os instrumentos cirúrgicos que tinha na mão.

Tobias-Filosofo, com as suas distrações, sempre largava cada uma!

Quando acabou de o pensar, o médico recomendou-lhe que fosse para casa, repousasse e tomasse água de cal e um remédio que lhe ia recetar.

Feita a receita, o médico explicou-lhe, detalhadamente, as quantidades que devia tomar.

Tobias-Filosofo, ao chegar a casa, concluiu um problema que deixara em meio e só à noite, ao deitar, se lem-



brou da água de cal e do remédio que tinha mandado avariar na farmácia. Chamou o seu criado e disse-lhe que lhe trouxesse os medicamentos. Quando se viu com eles na mão, Tobias exclamou:

— «Ora esta! Eu queria beber a água de cal mas, agora, já não me lembro se devo beber 24 litros de água numa hora ou se um litro de água, em 24 horas! Olhem que esta! Só a mim é que me lembra esquecer-me do que devia lembrar-me! Ora, o melhor será não beber a água, antes que me suceda coisa pior! Logo pergunto ao médico em que quantidade a devo tomar e, entretanto, vou tomando o remédio do outro frasco. Tobias-Filosofo pegou no frasco, colocou-o de encontro à luz, mirou os dizeres do rótulo e, quando chegou ao fim, leu em voz alta:

Conservar o frasco sempre bem rolhado.

— «Seja! — exclamou ele. Se não reparo nisto, a tempo, ia mesmo destapá-lo. Livro!»

E colocou-o, com todas as cautelas, na mesinha de cabeceira. Olhou muito para ele e, até hoje, ainda o não abriu!

PENSAMENTOS

Não nos queixemos nunca do nosso destino; quem se faz lastimar, faz-se desprezar.

*

Há duas espécies de ingratidão: uma, consiste em não reconhecer os serviços que nos prestaram; outra, em não os aceitar daquêles a quem tivemos a boa ventura de prestá-los.



Grandes do Império

Grandes de Portugal

por Manuel Ferreira



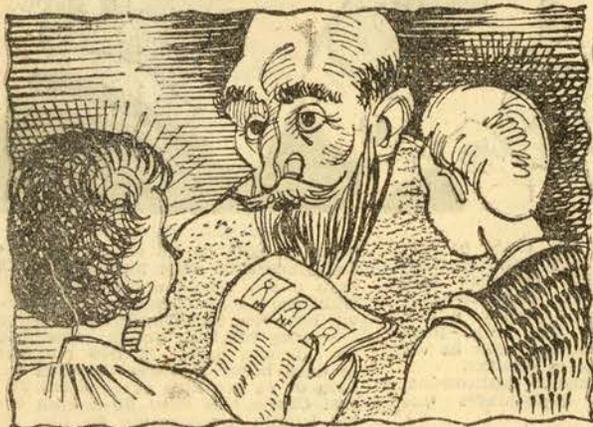
ENTADO à sombra duma olaia, o senhor Mateus, velho militar que tomara parte em campanhas coloniais, explicava, naquela tarde de verão, aos netinhos — Fernando e Isabel — algumas passagens da nossa epopeia ultramarina.

Os pequenos, que estavam colleccionando as figuras do Concurso *Grandes de Portugal*, ouviam, interessados, o avô.

— «Não calculam como tivemos grandes homens. Gil Eanes, por exemplo.»

— «Que fez êle?» — perguntou Isabel.

— «Passou o Cabo Bojador. A' primeira tentativa, teve receio. Voltou e o Infante zombou d'êle. Então, caprichoso,



Gil Eanes disse: — «Ou vejo o Bojador ou nunca mais volta-rei!» E voltou, trazendo as «rosas de Santa Maria.»

— «Foi valente. — observou o Fernandinho — Tinha medo, mas avançou.»

— «Disseste bem, Fernando. Depois, Bartolomeu Dias dobra o cabo das Tormentas. Na União Sul-Africana, onde, perto do cabo, existe uma cidade vastíssima, há um monumento ao nosso navegador.»

— «Depois, vem Vasco da Gama...»

— «Com o descobrimento do caminho marítimo para a Índia.» — disseram os pequenos.

— «Sim. Talvez o nosso feito de maior fama mundial. Pouco depois, Alvares Cabral aporta ao Brasil, onde encontrou boa gente e onde, hoje, se admira uma estátua à sua memória.»

— «Mas o caso mais curioso foi o que se deu com os Côrtes-Reais...»

— «Que foi?» — perguntou a pequena.

— «O pai, João Côrte Real dirigiu-se para o norte da América e desapareceu. Seus filhos Miguel e Gaspar foram procurá-lo. Não mais voltaram, também. Há poucos anos,

um professor americano descobriu, em Dighton, uma pedra com uma inscrição que declarava ter vivido ali Miguel Côrte Real, como rei dos índios. Mas há mais casos destes...»

— «Diga, tio, conte...»

— «Diogo Alvares Correia ia numa nau que naufragou na Baía. Ele salvou-se, entre oito companheiros que foram mortos pelos selvagens *tupinambás*. Diogo Alvares teve a lembrança de disparar um bacamarte. Aterrados, os selvagens bradaram: — *Caramuru! Caramuru!* que quer dizer *homem de fogo*. Passaram a adorá-lo como a um deus.

Salvador de Sousa tornou-se rei do estado do Pegú. A Duarte Pacheco é oferecido, como prémio de valentia, um reino indú que êle rejeita. Posteriormente, o grande militar João de Azevedo Coutinho recusou as honras de rei dos vátuas.

Mas voltemos atrás. Fernão de Magalhães dá a volta ao mundo, sendo assassinado pelos indígenas nas Filipinas. Há no Chile uma cidade com o nome de Fernão de Magalhães, onde se lhe ergueu uma estátua.

Decerto conhecem o feito de D. João de Castro...»

— «O de ter empenhado as barbas para reedificar o forte de Diu?» — perguntou o Fernandinho.

— «Esse mesmo. Nada mais tinha para dar de penhor.

O povo de Gôa respondeu com quantia muito superior à pedida:

Com Afonso de Albuquerque succede o seguinte: Era tão justo e bom que ainda hoje os indianos, quando pretendem justiça, vão pedi-la ao túmulo do grande homem.»

Depois de uma pausa, o senhor Mateus continuou:

— «Entremos, agora, no nosso tempo. Temos Ferreira do Amaral. Sabem o que lhe succedeu?»

— «Não, não sabemos!» — disseram os pequenos.

— «No combate de Itaparica, Ferreira do Amaral ficou ferido num braço, mas continuou a combater. Recolhido à força no hospital de campanha, tiveram de amputar-lhe o braço. Nesse tempo não havia remédios para atenuar as dores. Pois Ferreira do Amaral agüentou a operação, fumando um charuto e, quando ela acabou, apanhou do balde o braço que caíra e atirou-o ao ar, gritando: — «Viva Portugal!...» E voltou para o combate.

Morreu governador de Macau, assassinado pelos mandarins. A êle se deve o termos ainda aquela colónia.

Segue-se Mousinho, a quem o imperador da Alemanha concedeu a *Agua Negra da Prússia*, condecoração possuída apenas por três ou quatro pessoas, em todo o mundo.

E, mais modernamente, temos Gomes da Costa, com quem se deu um caso interessante.»

— «Que foi?»

— «Certa vez, atravessava a cavalo o mato, quando um vátua armado se aproximou d'êle. Era orgulhoso e altivo. Ao verem aquele inimigo, os auxiliares de Gomes da Costa encheram-se de receio. Gomes da Costa sorriu e a sua admiração não teve limites quando o vátua se curvou diante d'êle, depôs as armas e lhe beijou as esporas. Saudou-o com *bayêtes*, o que só se faz a brancos de altíssima categoria. Depois, tomou as armas e, chamando *galinhas* (cobardes) aos auxiliares estupefactos, voltou para o mato.

AVENTURAS e DESVENTURAS de FELIZBERTO



Felizberto deixou, um dia, os montes nevados da serra da Estréla, para vir a Lisboa receber um dinheiro que lhe deviam, dumas ovelhas que vendera.

Era a primeira vez que vinha à capital e, por isso, assim que chegou, ficou logo atordoado com o movimento das



ruas e embasbacado com as montras dos estabelecimentos.

Quando chegou a hora do almoço, passou pela «Marisqueira» e viu na «vitrine» uns pratos com lagostas, camarões e ameijoas.



Felizberto, que nunca tinha visto semelhante coisa, entrou e perguntou o que era aquilo.

O criado elucidou que eram «especialidades da casa». Felizberto informou-se dos preços e, achando caro as



lagostas e os camarões, comprou só meio quilo de ameijoas e perguntou ao criado como é que aquilo se cozinhava.

O criado esteve a explicar-lhe como é que se fazia uma caldeirada de ameijoas.



— «E ficam boas?» — perguntou Felizberto.

— «Há quem não goste, mas são só as pessoas que não têm o paladar habituado, porque quando a gente se habitua, não quer outra coisa...»

Felizberto levou as ameijoas para a terra e, no dia seguinte, fez com elas uma caldeirada.



Enquanto as comia fazia grandes caretas, mordeu a língua umas poucas de vezes, partiu um dente e, de quando em quando, dizia de si para si:

— «Não sei como aquela gente lá de Lisboa traga isto...»

(Continua na página 6)



por MANUEL FERREIRA

(PARA OS MAIS PEQUENINOS)

A QUELE Senhor Galão era mesmo um refilão; tinha sempre que dizer. Até a esposa Galinha, que era um nadinha vaidosa, algumas vezes já tinha protestado, furiosa, devido a tal proceder.

Mas éle, todo pimpão, — ou não fôsse um refilão — não qu'ria disso saber; continuava a bramar com um acento fadista, levantando a rubra crista: — «Có-có-ró, có-có-ró-có!... quem manda aqui, sou eu só!»

Os galinhos mais novinhos e os marrecos, patarrecos, pintainhos, novelinhos de algodão, tinham todos que calar, pois, senão, era bicada e bicada do tolo Galo-Galão, que, no fim de tal chinfrim, era sempre o campião.

E ao vê-los, muitos assustados, a fugir, envergonhados,



dizia, todo fadista, levantando a rubra crista: — «Có-có-ró, có-có-ró-có!... quem manda, aqui, sou eu só!»

Mas, um dia, D. Peru, num imponente glu-glu

reñiu tôdas as aves que havia na capoeira e disse desta maneira: — «O Galão é refilão mas precisa de lição. Por isso, vamos pensar na maneira, mais sensata, de um bom castigo lhe dar.

Entanto, ide à vossa vida, deixai-me a mim manobrar. Mas biquinho caladinho, pois, senão, aquele que vá contar o que se disse

O António, camponês, naquela tarde, lançou à terra grandes mãos cheias de trigo com que semeava as suas geiras.

Estendia-se a fazenda até muito longe, e, no amanho das propriedades, o saloio dispndia todos os esforços possíveis para que, chegado ao fim da colheita, estivessem cheias a tulha e a adegas.

Os grãozinhos, sob a graça de Deus que os beneficiava, umas vezes com chuva e outras com sol, cresceram, arrebiteram, vendo, no caminho que serpenteava por entre as geiras, os bandos de trabalhadores que, sob as ordens do António, amanhavam a seara.

Ao mesmo tempo que sentiam crescer os novos tronquinhos, os grãos velhinhos morriam contentes, porque deles saíam novas vidas.

Os caules fizeram-se amarelos, vergados ao péso das espigas. De entre estas, existiam três, que eram muito

amigas e que, às vezes, palestravam, quando a brisa as acariciava ou o luar as banhava de luz alvíssima.

Chamavam-se as três espigas: Branquinha, Amarelinha e Douradinha. A Branquinha, certa vez, ouvira dizer a um campônio que, na cidade, era costume, em quinta-feira de Ascensão, levar-se uma espiga para casa, onde, envolta em flôres campestres, significava abundância. E a Branquinha queria, também, ter essa sorte.

A Amarelinha, então, ouvira falar em bôlos feitos de farinha loira e saborosa. Dissera um rapazito que a farinha era feita dos grãos de espiga, e logo a Amarelinha ambicionou vir fazer parte dum bôlo.

Quanto à espiga Douradinha, essa queria ser pão. Vira, uma vez, um mendigo, de sacôla e cajado e manta ao ombro, a devorar, com satisfação, uma brôa alva, e logo formulou êste desejo:

— «Quem me dera vir a ser pão, em-



bora passasse tormentos, para matar a fome a um pòbrezinho!»

Passaram-se alguns meses. Na quinta-feira de Ascensão, o senhor António veio à seara colher um mólho de espigas, que envolveu em papoilas, giestas, malmequeres e raminhos de oliveira. Uma das espigas era a Branquinha.

Ficaram as companheiras muito tristes. Porém, em Junho, as camponesas, ao som de canções alegres, ceifaram todo o trigo. Doiradinha e Amarelinha seguiram para a eira e desta para a fábrica de moagem.

No dia de anos do senhor António, as espigas Amarelinha e Doiradinha, uma feita em bólo, outra em brôa, estavam, na mesa, conversando, quando olharam para cima e viram, sobre o guarda-loiça, a amiga Branquinha.

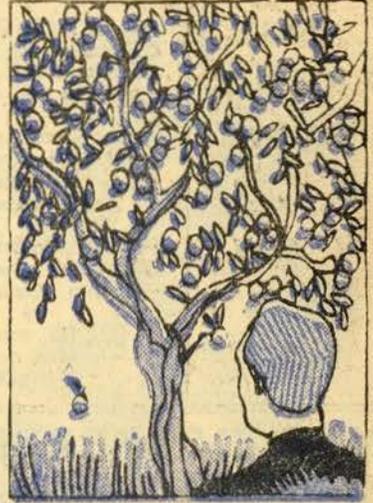
E maior foi o contentamento da Doiradinha quando um pobre bateu à porta do senhor António e o camponês lhe deu a brôa em que ia a espiga bondosa.

As espigas ficaram muito contentes por se terem juntado, novamente. Depois, cada qual seguiu os seus destinos, satisfeitas por Deus lhes ter dado o que tanto ambicionavam.



OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS



Aquilo que vos rodear, Observareis com cuidado.

A maçã fez transfor
Newton em sábio afam.

Sem aquela observação,
Em si, de pouca valia,
As leis da gravita...
Tarde o mundo sab.

JOSINO AMADO

e redisse,
aqui, nesta reunião,
pode-lhe isto acontecer'
— da capoeira, na rua
ser pôsto de escantilhão.

Passaram-se, assim, semanas
sem o peru nada achar.
Até que, um dia, à tardinha,
veio a velha cozinheira
e meteu na capoeira
um galo mais maneirinho
que o brigão
Galo-Galão.

Mas era tão delicado
para todas as galinhas,
pintainhas,
patarrecos,
e marrecos,
que a todos logo agradou.

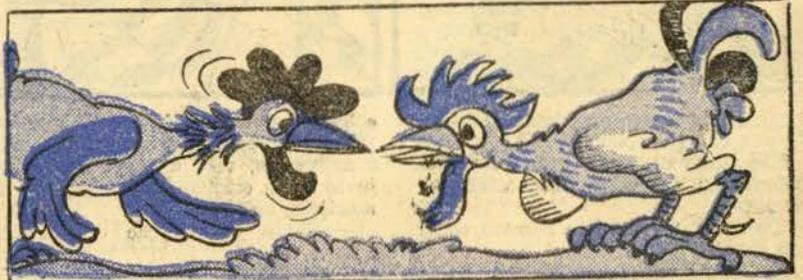
Só o galo refilão
é que de tal não gostou
e começou
a pensar
como havia de o expulsar,
sem demora,
da capoeira p'ra fóra.

Logo, pela madrugada,
quando o galo mais pequeno,
num có-có-ró-có sereno
saudava, imponente, o dia,
nosso Galão lhe surgia

e dizia
com um acento fadista,
levantando a rubra crista:
—«Có-có-ró, có-có-ró-có,
quem manda aqui sou eu só!
Eu a Vossa Sênhoria
não permito
que cante ao romper do dia.»

Porém, o outro fingia
que tal cousa não ouvia.

Até que, certa manhã,
o galo, todo irritado,
ao ver que continuava
e que ninguém lhe ligava
vai, imponente e brigão,
e começa a preparar
o bico para picar.
Mas o outro que já estava
esta monobra a notar,
por coisa alguma esperou;
deu um salto, de repente,
e picou, picou, picou,



A N E D O T A

Um bom falante em plena sala:
—«Eu, minha senhora, até adivinho
o que uma pessoa com quem estou fal-
lando, tem no pensamento!»
—«Ah! Então desculpe, mas creia
que não era por mal!...»

até que o Galão ficou
quási morto a espernear,

O conceito desta história
De-certo encontraram já.
Onde, às vezes, se não espera
E' que a valentia está.

A POBREZINHA

FOR
JOSÉ
DE
OLI
VEI
RA

— «Ó Mãi querida, diz, por favor,
Que faz aquela mulherzinha ali,
Humilde e rôta, como nunca vi?...
Explica, ó Mãi, aquela enorme dor!»

— «Olha, meu filho, olha com que amor
Ela agradece a esmola...» — «Mãi, e aqui,
Na mesma, vem pedir esmola a ti?»
— «Vem, filho; e eu dou-lha, em nome do Senhor.»

— «Mas pelo mundo todo, diz, ó Mãi,
Há muitos pobres e também quem dê?»
— «Como aquela andrajosa que aí vem,

Há, sim, meu filho, e tantos que eles são!...
Mas, quem se compadeça deles... Vê...
Que mais além não viu a compaixão!...»



NÃO DESPREZES A TUA PÁTRIA

Por GRACIETTE MARIA BARROS



H ELENA e a sua
mãe, vindas há
pouco de França,
para onde
haviam partido
aos 8 anos de He-
lena, visitam
uma velha amiga
que tem uma
filha da mes-
ma idade de
Helena.

Esta e Margarida — (assim se cha-
ma a outra pequena) — vão brincar
para o jardim e, de repente, a Guida
exclama:

— «O' Lena, porque não pedes à
tua mãe que venha fixar residência em
Portugal, que é a tua Pátria?»



— «A minha Pátria?!» (volve Lena,
com desprezo) — Não, não, Guida; a
minha Pátria é a França, essa grande
nação, tão cheia de luzes e de movi-
mento, que atrai todos os estrangei-
ros. Essa é que é a minha Pátria!»

— «Lena, não digas isso! Então,
Portugal, este pequeno país, onde nas-
ceste, onde deste os primeiros passos,
onde repousam os restos dos teus
Avós, onde, pela primeira vez, pronun-
ciaste o santo nome de mãe, não tem
para ti valôr algum? E', talvez, por
ser pequeno? Mas repara que pequeno
não quer dizer indigno. Podes gritar
a todo o mundo: — Sou portuguesa!...
que esse mundo inteiro não te despre-
zará. E sabes porquê?

Porque Portugal foi sempre um país

(Continua na página 7)



(Continuado na página 3)

Não tinha decorrido meia hora, Fe-
lizberto foi acometido duma cólica fe-
nomenal.

Torcia-se, na cama, e berrava como
um desalmado.

Mandou chamar o médico, que veio
a correr e, depois de lhe ter perguntado
de que tinha morrido o pai, a avó e



o bisavô, se tinha tido sarampo ou be-
xigas em pequeno, e se era atreito a
constipações, veio a saber que Feliz-
berto tinha comido uma caldeirada de
ameijoas, ao almoço.

— «Então, que porção de ameijoas
comeu você?»

— «Meio quilo, senhor Doutor.»

— «Com franqueza, meio quilo de
ameijoas fazem tão pouco volume para



o estômago de um homem alentado
como você, que não me parece que
fôsse isso que lhe fizesse mal.»

— «Também acho, senhor Doutor. Es-
tou desconfiado que não foram as ame-
ijoas que me fizeram mal e que foram
as conchas, que eram duras de roer
e, como não tenho o paladar habituado
a estas especialidades, não me assenta-
ram bem no estômago!»

Curiosidades

A FLÔR RELOGIO

No istmo de Tehmantepec descobriu-se uma flôr lindíssima, a qual é ao mesmo tempo um relógio botânico. Pela manhã é branca, ao meio dia é encarnada e à noite torna-se azul. As mudanças de cor verificam-se com perfeita regularidade.

O PRIMEIRO JORNAL AMERICANO

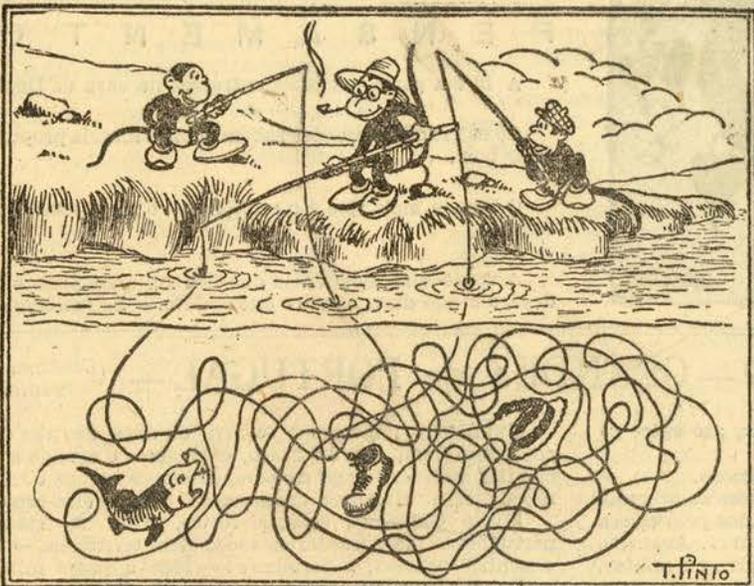
O primeiro jornal publicado no território que forma actualmente os Estados Unidos da América do Norte, intitulava-se: «Mary Flower» (flôr de Maio).

Publicou-se em Cambridg em 1673. Há, portanto, 265 anos. Em 1873 foi celebrado o segundo centenário da sua existência.

LENDA DA INVENÇÃO DO DESENHO

Segundo reza uma lenda da antiga Grécia, a jóvem grega Dibutade, ao separar-se do seu noivo que partia para a guerra, reparou que a luz duma lâmpada, iluminando-lhe o perfil, reproduzia na parede a sombra do seu namorado. Dibutade, com um carvão, traçou o contôrno da figura projectada

ADIVINHA - PROBLEMA



«Zé» Mono, o Chico e o Paco foram pescar para um rio... Digam-me qual o macaco que pescou um bom safio

E se estão para a risota, digam-me também — (valeu?) — qual o que pescou a bota e qual pescou o chapéu??



Ena, que algazarra! O que será?! Porque irá o polícia a correr como se viessem trinta cães danados atrás dêle?! Perseguirá alguém? Verifiquem. Recortem todos êstes bocadinhos e juntem-nos. Vereis, então, o motivo do alvoroço.

na parede, seguindo os limites da projecção e obtendo, assim, uma silhueta que, mais tarde, lhe recordaria as feições do seu querido namorado durante a longa ausência.

Estava, dêste modo, achado o contôr-

no, linha que define a forma exterior dos seres e das coisas.

Mais tarde, êste rudimento foi aperfeiçoado por outros gregos, originando o desenho que é a base fundamental das Belas-Artes.

O ALIGÁTOR

O aligátor — espécie de crocodilo — é de todos os animais aquêle que tem mais força maxilar. O poder de esmagamento das suas maxilas é avaliado em três quartos de tonelada.

NÃO DESPREZES A TUA PÁTRIA

(Continuado da página 6)

de heróis, de heróis que nunca o desprezaram, que sempre agradeceram a Deus o tê-los feito nascer neste bocadinho de terra tão pequeno mas que sempre se portou dignamente. Pensa o desgosto que tua mãe teria, se lhe disseses que não querias ser sua filha, que tinhas arranjado uma mãe mais bonita. Reflecte e verás, depois, o desgosto que Portugal teria ao vêr que uma sua filha o trocava por outro país, embora mais cheio de luzes e de movimento...»

Helena deixou Guida concluir, e, depois, com as lágrimas nos olhos, gritou energicamente:

— «Tens razão! Viva Portugal, a minha Pátria!»

AS AVES TÊM CORAÇÃO

Por MILAU



Zézito é bom rapaz, porém um pouco estorola e, ás vezes, faz maldades sem o saber.

Há dias, passou por aqui; corria a bom correr. Detive-o na passagem, gritando: — «Então que é isso, Zézito? Nem me dás os bons dias! Estás zangado comigo?!»

— «Que idéa, amiguinha! Acredita que não te via.»

— «Mas onde ias com tanta pressa?»

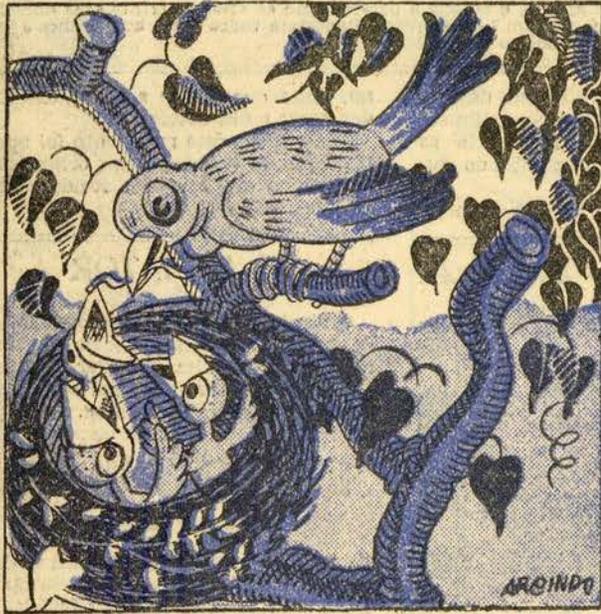
— «Eu conto: O Manel, o filho do Sebastião, disse-me que viu, ontem, uns ninhos lá em cima, — sabes? — ao pé da fazenda do Silvério. O Manel,

agora, com o braço ao peito, não pode subir ás árvores e, por isso, dá-me os tais ninhos.

Já sabes porque eu ia a correr; tenho pressa de ver os passarinhos.»

— «Espera um pouco. Senta-te, aqui, ao pé de mim, e ouve: Sabes como os passarinhos fazem os ninhos com todo o cuidado, para que os filhos tenham uma caminha fôfa? Como os alimentam e os tratam? Com que carinho lhes vigiam os primeiros vôos?»

* Agora, imagina uma coisa, Zézito. Pensa que tu e teus



irmãos eram muito pequeninos, incapazes de se defenderem. Tua mãe tinha que sair de casa e deixava-os todos no berço.

Entretanto, vinha um homem mau e levava-te, assim como aos teus irmãozinhos.

Quando tua mãe voltasse e visse o berço vazio, quantas lágrimas choraria? Como seria grande o seu sofrimento! Bruscamente, o Zézito abraçou-me; tinha os olhos rasos de lágrimas.

— «Tens razão, amiguinha; nunca tinha pensado nisso.»

— «As mãs dos passarinhos também sofrem quando lhes tiram os filhos. Seja mulher ou ave, a mãe é sempre mãe.»

— «Obrigado, e até logo. Agora é que eu tenho pressa!»

Sabes para onde vou? Para a fazenda do Silvério; e quando os outros rapazes quiserem roubar os ninhos, eu repetirei o que tu me disseste e não consentirei que roubem os filhos ás mãs!»

E o Zézito desatou a correr.

Desde esse dia, iniciou uma verdadeira campanha em favor das aves, impedindo que muitos garotos destruam os ninhos.

Muitas vezes sucede assim. As crianças têm bom coração e quantas vezes fazem maldades sem mesmo o suspeitarem.

Vocês, meus amiguinhos, devem auxiliar o Zézito, explicando aos vossos amigos a grande maldade que é destruir um ninho.

Protegê-lo é, pelo contrário, um acto de respeito pela própria família, por vossos pais.

■ F I M ■

P E N S A M E N T O S

A fé é a porta por onde entramos na casa de Deus.

Só os grandes corações sabem quanta alegria proporciona o ser bom.

O homem mais rico é o económico; o mais pobre é o avarento.

A verdadeira eloquência consiste em dizer tudo o que se deve e a não dizer senão o que se deve. — *La Rochefoucault.*

GRANDES do IMPÉRIO — GRANDES de PORTUGAL — (Continuado da página 2)

Tal era o prestígio de Gomes da Costa, até entre os inimigos.

Com Neutel de Abreu sucedeu um caso curioso.

Percorria o capim, quando um casal de leões se acercou, rugindo. Os pretos queriam fugir aterrorizados pela cólera dos *pandoros* (leões). Neutel inflamou o olhar... Avançou. Então, as feras fugiram para o interior da selva e o militar, bravo como nenhum outro, ficou com a fama de espantar os leões, com a sua bravura.»

E Martins de Lima?...»

— «Conte, conte...» — pediram os pequenos.

— «Esse era um dos nossos militares mais elegantes. Debaixo de fogo, não comandava uma carga de cavalaria sem, primeiramente, calçar as luvas.

Fundámos impérios à sombra da cruz. Em vez de descobrirmos camiuhos ao acaso, ensinámos o mundo a vogar cientificamente. Longe de conquistarmos corpos e riquezas nessas terras distantes, chamámos a nós aquelas almas.

Muito pequenas, embora fortes, eram as mãos dos portugueses para manterem todos esses territórios — (Disse o senhor Mateus, a terminar) — Mas a nossa influência nunca desapareceu. O Brasil, filho de Portugal, passou a ser seu irmão querido. No interior, ainda se usam trajos portugueses primitivos. Na Índia Inglesa gozamos do máximo prestígio. Em Java, há bem poucos anos, aclamou-se um régulo indígena, chamado P. Tomás da Silva.»

E, com esta lição, o senhor Mateus despediu os pequenos, que foram satisfeitos brincar para a quinta.